

A (DES)CONSTRUÇÃO DOS DIZERES SOBRE A AMAZÔNIA NAS ENCICLOPÉDIAS DE CONTEÚDO COLABORATIVO NA WEB

Lucília Maria Sousa Romão*
Thaís Harumi Manfré Yado*
Vivian Lemes Moreira*

RESUMO: Este artigo tem como intento refletir, a partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, a inscrição dos saberes e os efeitos de sentidos sobre o significante “Amazônia”, instalado pelos sujeitos-navegadores nas enciclopédias de conteúdo colaborativo, Wikipédia e Desciclopédia, no ambiente da Web 2.0. Investigaremos as condições de produção do discurso por meio da escrita coletiva na rede e as marcas ideológicas deixadas pelos sujeitos nas enciclopédias *online*. Discutiremos também, o confronto de sentidos instalados na Desciclopédia, sob a forma de desconstrução dos “moldes tradicionais” de funcionamento de uma enciclopédia, com o discurso próximo à paródia e ao *non-sense*. Assim, buscamos refletir sobre como se dá o processo de constituição, produção e circulação de discursos de/sobre a construção coletiva de uma enciclopédia.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Sentido. Enciclopédia. Conteúdo colaborativo. Amazônia.

Introdução

“Estou conectado, logo existo”. - **Kenneth Gergen**

O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), a partir da segunda metade do século XX, representou uma grande mudança na forma de produção, armazenamento e circulação de dados, causando um grande impacto nos estudos referentes à informação. No século XXI, com a explosão das Tecnologias da informação e da Comunicação (TIC`s), surge a Internet e esta passa a ser considerada como uma das mais poderosas ferramentas de disseminação da informação na sociedade, atuando como um importante agente nas formas de socialização do conhecimento. A evolução da Internet propiciou o surgimento do contexto da Web 2.0, este o qual o navegador passou a ser

* FFCLRP/USP e UFSCAR. Coordenadora do E-l@dis - Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Bolsista CNPQ. Imei: luciliamsr@uol.com.br.

* CECH-UFSCar. Pesquisadora do E-l@dis: Laboratório Discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Imei: harumi21@gmail.com.

* FFCLRP-USP. Pesquisadora do E-l@dis: Laboratório Discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Imei: viviannlk@gmail.com.



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

inserido no processo de produção e circulação de arquivos, a partir do fácil acesso as ferramentas de publicação dispostas *online*, proporcionando um contexto antes nunca visto. Assim, as informações multiplicaram-se de forma veloz, e os ambientes colaborativos transformaram-se em lugares discursivos em que o sujeito pode inscrever as (suas) palavras a seu modo, colocando em movimento sentidos que lhe parecem evidentes e desejáveis. Ao refletir sobre essas novas tecnologias e suas influências nos estudos discursivos, não podemos deixar de discutir as novas condições de produção sócio-históricas dadas pela explosão das tecnologias de inteligência que se inscrevem em “um espaço-tempo tecnológico (...) não somente do espaço técnico e da velocidade da internet, mas de uma cultura tecnológica.” (DIAS, 2008, p. 18). Tal inscrição histórica proporciona, dentre outros traços, outras formas de autoria, no caso, calcada na coletividade. A enciclopédia *online* de conteúdo colaborativo, enquanto um espaço virtual de compartilhamento de saberes reúne arquivos e mobiliza os gestos de interpretação de diversos sujeitos-navegadores, o que indicia uma marca recorrente de heterogeneidade nas discursividades eletrônicas, que pretendemos analisar ao longo deste trabalho.

Mobilizando o referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa, tal como proposto por Pêcheux (1975), temos lido e interpretado o funcionamento discursivo das enciclopédias *online* de conteúdo compartilhado, a Wikipédia e a Desciclopédia (tratada também aqui como “enciclopédia”), dentro desse ambiente remexido pela voz de vários sujeitos-navegadores. Assim, promovendo a mobilização de conceitos sobre *Web 2.0* ancoradas pelas noções do discurso, buscamos, ao longo desse trabalho, observar sobre o modo como o sujeito inscreve sentidos sobre a “Amazônia” nas duas enciclopédias citadas. Interessamos compreender, na ordem da língua, os deslizamentos e as rupturas de sentidos dentro dessa escrita coletiva. Para tal, realizaremos uma comparação entre recortes das duas enciclopédias, observando a partir do jogo de forças, os sentidos possíveis ao sujeito para significar o verbete “Amazônia” e descrevê-lo, seja no âmbito da paródia e do humor negro tratado na Desciclopédia, ou nos moldes de descrição enciclopédicos ditos “tradicionais” discursivizados pela

Wikipédia. Objetivamos, formular um estudo sobre a materialidade linguística e histórica a respeito da Amazônia, observando, dessa forma, regularidades, rupturas e deslocamentos de sentido sobre a questão da terra no país e, quiçá, construindo um gesto de interpretação do movimento da linguagem que enfoque a noção de discurso, formação discursiva, sujeito, sentido e heterogeneidade.

Escrita e(m) rede: a produção e circulação de discursos

“Quando a determinação interna dos signos da moda se perde, esses signos ficam livres para comutar de uma maneira ilimitada” – **Baudrillard**

Aos olhos da Análise do Discurso (doravante AD) de matriz francesa, fundada por Michel Pêcheux (1975) no fim da década de 60, no cerne da teoria encontra-se a noção de discurso definido como efeito de sentidos entre interlocutores. Isso sinaliza outro modo de compreender a linguagem, seja ela qual for, aquele em que o sentido está permanentemente em jogo, aberto a movimentos do político, afetado pelas condições de produção e maleável a desdobramentos, e também pelo modo como a ideologia interpela o sujeito. Nessa concepção, é preciso considerar a relação existente entre o mundo e linguagem, compreendendo que todo enunciado é suscetível a interpretação e, sobretudo, a tornar-se outro, e que os caminhos da língua, da história e da sociedade encontram-se entrecruzados (FERREIRA, 2008). Pode-se inferir que a relação do sujeito com a escrita vem sendo modificada ao longo tempo, principalmente com o advento da Internet, pois a facilidade em se produzir e disseminar palavras tem ocasionado uma explosão informacional nos últimos anos, um fenômeno que ainda nem chegou ao seu eventual limite, pelo menos no que se diz respeito do ponto de vista tecnológico, para lidar e suportar os dados digitais, de acordo com Hilbert e Lopéz (2011). Temos, então, um longo percurso de tempo e uma extensão denominada ilimitada para navegar, descobrir e construir parte desse processo informacional fomentado pela tecnologia.

Os espaços de interação do sujeito-navegador na produção de dizeres e arquivos têm estado presentes em praticamente todas as páginas da *Web*, e o sujeito

discursivo, entendido aqui como Pêcheux (1975) propõe, sempre realiza sua inscrição na rede a partir da história na língua, o que instala marcas sócio-históricas do lugar de onde ele fala, e promove a inscrição dos sentidos de discursos outros por onde o sujeito orienta a sua interpretação e a sua navegação. Consideramos que é por meio dessa exterioridade proposta pela historicidade, que torna possível a relação entre sujeito e língua (ROMÃO; SOUZA; YADO, 2010), o que para nós reclama uma reflexão sobre o político, algo que vai muito além da questão puramente informática. Assim sendo, para analisar as formas conflituosas de inscrição da historicidade na rede eletrônica e entender a significação da linguagem, temos que recorrer a memória discursiva. Nesse momento, interessa-nos a memória social, coletiva, em sua relação à linguagem e à história (COURTINE *apud* MARIANI, 1998), ou seja, a memória discursiva é uma reatualização de dizeres já ditos e referidos a acontecimentos, e essa ação de “recordação” possibilita que sentidos sejam retomados em um “momento futuro” ainda que de forma imaginária e idealizada. Em meio a já ditos, e ao por vir do sentido, no qual o sujeito une fios de memória e tece o seu discurso durante a sua navegação na *web*.

Para que possamos entender a memória discursiva, é necessário considerar todos os elementos implicados na constituição de um sentido, seus “subterrâneos” que estão a latejar na materialidade discursiva. Podemos dizer, que “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2003, p. 31) faz falar algo constitutivo da língua, do sujeito e da rede eletrônica. O sujeito, ao inscrever seu discurso na rede, é sempre atravessado por saberes já falados antes, pois como nos ensina Pêcheux (1997, p. 162), “algo fala (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto sob a dominação do complexo das formações ideológicas”. É justamente tal condição que sustenta todo dizer e também os arquivos eletrônicos, bem como a trama da rede; por isso, inferimos que o sujeito sempre discursiviza filiado a uma formação discursiva (FD), que compreende os processos de produção de sentidos nos seguintes termos: “chamaremos, então, formação discursiva aquilo

que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p. 160). Tais conceitos incluem a observação das relações de poder e o modo como se inserem em relações sociais, e também pela forma que estas encontram-se marcadas historicamente, produzindo uma “relação de sentidos e de força e mecanismos de antecipação entre os sujeitos”. Trata-se de um processo contínuo, sem começo ou fim, de relação entre um determinado dizer com outros, que já foram realizados, imaginados ou os possíveis dizeres (ROMÃO; SOUZA; YADO, 2010). Em se tratando da rede, esse processo também não seria diferente.

Considerando tais postulados, definimos que o espaço discursivo da Internet, cuja topologia configura-se associativa e desdobrável, passou a ser mais fluída ainda, mais instável e passível a rupturas de dizeres antes mesmo que eles possam ser repetidos ou regularizados, um funcionamento que permite o deslocamento e dispersão de sentidos antes mesmo de serem cristalizados. Além disso, a maioria dos sites possui caráter interativo para que o sujeito/internauta possa ter a facilidade de postar comentários, colaborar com o que está no arquivo, podendo até mesmo modificá-lo e deslocá-lo para outras regiões de sentidos.

De fato, tecnicamente, o ciberespaço aceita todos. Qualquer grupo ou indivíduo, não importando sua origem geográfica e social, pode investir na rede por conta própria e difundir nela todo tipo de informação que ache digna de interesse (...). (MELO, 2004, p. 127).

Dessa maneira, os sites construídos dentro do contexto da *Web 2.0* facilitam a emergência de gestos de leitura e escrita produzidos pelo próprio sujeito-navegador (ROMÃO, 2007) que, por meio dos recursos tecnológicos de publicação ao seu alcance, vai construindo dizeres e arquivos, movendo as palavras de um lugar para outro, deslocando-se entre palavras ditas e reditas em outros lugares. Dessa maneira, sites como *Youtube*, *Delicious*, *Flickr*, *Wikipédia*, *Twitter*, entre outros espalhados pela rede eletrônica, viraram um grande sucesso e arrastam milhares de seguidores na rede, esses que se inscrevem em tais

lugares discursivos e ordenam as palavras a seu modo, colocando em movimento e em circulação os (seus) sentidos, ou perpetuando com o que já foi escrito pelo outro. Segundo Lévy (2004, p. 202):

Qualquer um terá sua página, o seu mapa, o seu site, o seu ou os seus pontos de vista. Cada um se tornará autor, proprietário de uma parcela do ciberespaço. Entretanto, essas páginas, sites e mapas dialogam, interconectam-se e confluem através de canais móveis e labirínticos.

Esse movimento de dizer em rede e de poder estar em um ponto da rede, configura a *net* como algo em constante criação (imprevisível, para dizer o mínimo), cuja produção, constituição e circulação da linguagem dão-se a conhecer de modo sempre incompleto além dos limites da página, mais adiante ou mais atrás, ou seja, algo que está fugidamente em trânsito.

Temos, então, as enciclopédias digitais Wikipédia e Desciclopédia como espaços discursivos de entroncamento de posições-sujeito, já que se constituem como materialidades remexidas pela voz de sujeitos-navegadores, no qual os dizeres vão sendo tecidos, costurados, cortados e colados, de forma veloz. Tudo isso é proporcionado por meio de um *wiki*, recurso criado em 1995 por Ward Cunningham, cuja nomeação "*wiki*" foi inspirada na palavra havaiana *wiki* ou *wiki-wiki*, que significa "rápido" e é geralmente utilizada como um termo para táxis e ônibus expressos. Essa ferramenta permite que um grupo crie uma comunidade para acessar e editar trechos de textos e qualquer outro navegador pode realizar esse processo de uma maneira simples e rápida. Dentre todos, o *wiki* mais conhecido da rede é o Wikipédia, a enciclopédia livre, que já conta com mais 756.137 artigos (setembro de 2012), em sua versão em português, e configura-se como um dos grandes exemplos dos efeitos da arquitetura de participação na rede eletrônica e que pretendemos discutir agora.

Enciclopédias online: em busca da construção e reunião dos saberes e sentidos

“As categorias do pensamento humano nunca são fixadas de forma definitiva; elas se fazem, desfazem e refazem incessantemente: mudam com o lugar e com o tempo.” - **Durkheim**

Em março de 2000, Jimmy Wales e Larry Sanger, ambos profissionais envolvidos na área de licenças e concessões livres na rede, desenvolveram um novo conceito de enciclopédia caracterizada pela forma de distribuição livre, nasce então nesse período a *Nupedia*. Ainda no mesmo ano, ocorria em paralelo o projeto da Wikipédia, com a proposta de uma enciclopédia livre, tanto em sua produção como distribuição. A *Nupedia* em seu pouco tempo de funcionamento já enfrentava por problemas, devido ao alto nível de exigência dos editores a respeito das qualificações dos verbetes, pois os artigos eram revistos e aprovados por renomados acadêmicos, muitos com Ph.D., e apenas em fase posterior eram publicados, o que deixava o processo muito lento. No ano de 2001, é inaugurada a Wikipédia que logo se torna um sucesso imediato; em contrapartida, a *Nupedia* estava com números muito baixos de acesso e atravessando por problemas de edição e revisão, levando um tempo depois a serem suspendidas as suas atividades, em setembro de 2003, com apenas 24 artigos prontos e 74 ainda em período de revisão. Os problemas enfrentados pela *Nupedia* não estavam fadados a ocorrer na Wikipédia, pois esta era composta por artigos redigidos de forma colaborativa, algo que colabora efetivamente para a rapidez e perpetuação da produção de saberes e dizeres da enciclopédia *online*.

A Wikipédia tem seu próprio *software*, o *MediaWiki*, que foi desenvolvido por voluntários sob a licença GNU/GPL e *Creative Commons Attribution-ShareAlike* (CC-by-SA), facilitando o trabalho de edição coletiva realizado pelos vários autores dentro da mesma página sucessivamente. A Wikipédia é caracterizada como uma enciclopédia multilíngue *online* livre e colaborativa, que tem por proposta ser uma aglutinadora de informações e dados no qual todos possam escrever, editar e significar os conteúdos; entretanto, há algumas regras que devem ser cumpridas para que as informações sejam disponibilizadas, visando, assim, a confiabilidade dos dizeres a serem incorporadas pelo site. Esse formato

colaborativo de enciclopédia transformou-se em um grande espaço na rede, visto que cria possibilidades de novas formas de interação e relação em torno de campos do saber, tanto escolar como acadêmico, político, econômico, tecnológico, curiosidades, entre outros. Sendo assim, ela tornou-se uma referência conquistando a aprovação de diversas instituições de ensino, e da renomada revista científica *Nature*, da Inglaterra. De acordo com Orlandi (2001, p. 30):

A necessidade de saber é constitutiva da forma-sujeito-histórica e as novas tecnologias de linguagem, disponíveis, concorrem para a configuração material dessa circulação, dessa divulgação da ciência. Essas novas tecnologias ao produzirem uma nova forma de autoria concorrem para a produção de um novo efeito leitor e isto pode ser feito com qualidade. Depende de seu modo de funcionamento.

Observamos que essa “nova forma de autoria” está em ebulição na rede eletrônica, produzindo deslocamentos em relação ao modelo tido como “tradicional” de enciclopédia, concebido como um livro no qual são denominadas e explicadas “expressões ou incorporações de uma visão sobre o conhecimento e, de fato, uma visão do mundo (...)” (BURKE, 2003, p. 79). Isso nos permite inferir que o saber, tido legitimado por uma instância científica e certificada, sempre esteve disposto em único volume ou em um conjunto de livros designados como enciclopédia, saber este categorizado e organizado sobre os conhecimentos de *coisas- a –saber* (PECHÊUX, 1997) e a serem copiadas, reproduzidas e repetidas. O próprio termo grego *encyclopaedia*, é traduzido como “círculo do aprendizado”, por se referir ao currículo educacional, pois os livros estavam organizados da mesma maneira que o sistema educacional nessa época.

Etimologicamente, enciclopédia tem origem no grego antigo, “*eu-kukliospaideia*” (ευ-κυκλιος παιδεία) como um círculo (*kuklios*) perfeito (eu) do conhecimento (*paideia*). É utilizada em sua forma moderna apenas no século XVI em inglês por Thomas Elyot, e em francês por François Rabelais em *Pantagruel*, porém o termo só se torna usual no século XVIII quando o “enciclopedismo” se instaura realmente como um movimento (HENGE, 2009, p. 26).

Foi no período do enciclopedismo, movimento filosófico-cultural que almejava catalogar todo o conhecimento humano, que foi lançada a primeira enciclopédia completa, publicada em 1772; a Europa, neste período, atravessava um momento de grande efervescência filosófica, científica e cultural, o Iluminismo, cuja proposta era de renovar o pensamento da sociedade, contrapondo, assim, a ciência à religião, lutando contra o que era denominado por Antigo Regime, com o impulso de ilustres pensadores como Voltaire, Diderot e d'Alembert, além de Montesquieu, Rousseau e Buffon. A historicidade de sentidos, que envolvem o termo enciclopédia, evoca em sua origem, “[...] uma rede de sentidos que, de certo modo, vem definindo-a historicamente ao longo dos tempos: a circularidade enquanto capacidade de abarcar todo o conhecimento, fechando, como num abraço ou num cerco, a totalidade de saberes” (HENGE, 2009, p. 26).

Assim, ao dizer enciclopédia, os sentidos já falados antes em outro lugar são retomados, pespontados de um modo outro, afetados pelas condições de produção datadas historicamente pela emergência das tecnologias de comunicação digital, configurando algo que se mantém e algo que se desloca. Da *Enciclopédia de Diderot* à Wikipédia e a Desiclopédia, reordenam-se as redes de filiação histórica dos sentidos em duas direções: i. o dizer em enciclopédia tende a contemplar os saberes do universo, “este desejo do ‘saber total’ que atravessaria a noção de enciclopédia estaria permeado por duas características conflitantes: ser a soma e o ‘resumo’ de todos os saberes existentes” (SCOTTA, 2008, p. 21); e ii. o saber antes concentrado nas mãos de poucos ou de alguns supostamente detentores da autoridade de definir, legitimar e organizar, agora estão em jogo na rede eletrônica. As formas de construção e de funcionamento das enciclopédias eletrônicas passaram a ser realizadas a partir da voz de navegadores que tomam para si as tarefas de produção, constituição e circulação de dizeres, ficando inclusive com os trabalhos de edição e correção. Tal construção coletiva, remexida e acessível, permite ainda a publicização de textos coletivos gerados a partir da parceria entre diversos internautas, e isso produz efeitos no que é definido a seguir como “escritura coletiva”:

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. Nesse processo, desaparece a atribuição dos textos ao nome de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica. (CHARTIER, 2002, p. 25)

Marcamos ainda que as enciclopédias eletrônicas de conteúdo colaborativo contam com o adjetivo “livre”, o qual indicia um funcionamento bastante afinado com a rede, visto que antes as enciclopédias tradicionais estavam não-livres, ou seja, presas a uma única voz, ancoradas em um saber institucionalizado por um centro de pesquisa, uma editora, um nome próprio. Agora, elas configuram-se abertas, estão à solta na rede, podem incluir a voz de vários navegadores, ampliam-se à contribuição de palavras advindas de vários lugares e esvoaçam-se no tráfego intenso de gestos de leitura multifacetados.

Enquanto temos esse movimento da descrição e reunião dos saberes, e de disseminação do conhecimento na rede visando à confiabilidade das informações, é possível verificar também o movimento de desconstrução dos “moldes tradicionais” de funcionamento de uma enciclopédia com a Desciclopédia, a enciclopédia livre de conteúdo e que qualquer um pode editar. Ela possui um discurso próximo à paródia e ao *non-sense*, constituída de desinformações e mentiras grotescas, conforme definida por ela mesma, rompendo-se assim com a formação discursiva dominante (FD) a respeito do que seria uma enciclopédia como lugar de confiabilidade, corrói os efeitos de transmissão fidedigna e armazenamento do conhecimento como sustentam as enciclopédias tidas tradicionais.

A Desciclopédia versão em língua portuguesa da *Uncyclopedia* seria uma paródia da enciclopédia online Wikipédia, e foi lançada em janeiro de 2005 por Jonathan Huang. O projeto original *Uncyclopedia*, tem como slogan “A enciclopédia livre de conteúdo”, abarcando artigos baseados em temáticas cômicas, definindo-se ter

um gênero de humor negro, variando da sátira política, biográfica à paródia de artigos da Wikipédia. O sistema utiliza o *software wiki* de escrita e edição coletiva *online*, e conta hoje com versões em mais de 50 idiomas, só no Brasil ela possui mais de 30826 artigos. A ideia de fazer uma Desciclopédia teria partido supostamente de uma ampliação da seção "*bad jokes and other deleted nonsense*", da versão inglesa da Wikipédia: a enciclopédia livre em que todos podiam editar o que não cabia na enciclopédia, um lugar onde se agrupavam os conteúdos humorísticos, constantemente retirados por não serem considerados apropriados para a inclusão na enciclopédia *online*. O site caiu no gosto dos internautas rapidamente e, em junho de 2006, a *Wikia*, empresa de Jimmy Wales que também é dono da *Wikimedia Foundation* (no qual pertence à Wikipédia), comprou o domínio e a marca registrada da *Uncyclopedia*.

Como a Wikipédia, a Desciclopédia também possui certas normas para a publicação, “apesar da aparente falta de seriedade geral, o projeto conta com um tutorial básico para os recém-chegados e um manual do desciclopediano, com 10 mandamentos que ensinam, entre outras recomendações a ‘como ser engraçado e não apenas idiota’” (JOHNSON, 2008, p. 7). A estrutura da página da Desciclopédia é semelhante a da Wikipédia, no qual cada verbete possui uma página com o artigo referencial. Nesta também há um espaço de discussão no qual os sujeitos-navegadores podem realizar discussões e debates, dar sugestões sobre a melhora do conteúdo dos artigos, para que estes fiquem mais divertidos. “Uma forma de atrair participantes é mostrar que em vez de tentar vandalizar a Wikipédia e ser banido da comunidade, o melhor é editar e publicar artigos cômicos nas versões da *Uncyclopedia* e compartilhar com os outros sem o risco de ser expulso” (JOHNSON, 2008, p.8). Iremos agora propor as análises para cada um dos logotipos de cada enciclopédia virtual selecionada. Em seguida, objetivamos analisar o verbete “Amazônia” nas duas enciclopédias selecionadas – Wikipédia e a Desciclopédia.



No logotipo da Wikipédia, observamos o formato redondo representando mundo recortado em peças de quebra-cabeça que, por sua vez, podemos entender como sendo uma representação do conhecimento. Porém, há peças que faltam nesse quebra-cabeça para completar a imagem, o que nos permite dizer que o conhecimento ainda se encontra em processo de construção, pois bem, sabemos que o conhecimento é marcado por incompletudes, por furos e por faltas sempre presentes, a incompletude tanto dos sujeitos como da linguagem. Nas peças do quebra-cabeça, são grafadas letras/símbolos de diferentes nacionalidades – multilíngue, que evidencia que o conhecimento é construído através da junção/soma de saberes de diferentes origens. Interpretamos, então, o efeito dessa enciclopédia é de unir todos os saberes por meio da colaboração de todos os sujeitos, proporcionando um espaço para que os sujeitos possam se reunir sendo de vários lugares, de várias culturas, mas que conseguem compartilhar um único espaço – a *Internet*. E o mundo, representado nesse logotipo, possui a coloração em tons de cinza, que remete aos sujeitos o sentido de calma, confiabilidade, profissionalismo ao qual a Wikipédia propõe-se a fazer. Porém, tal cor pode também representar o sentido de não transparência, de nebuloso, como são os sentidos das palavras para a AD, em que os dizeres sempre podem ser outros.



Em contrapartida, o logotipo da Desciclopédia, é uma sátira ao da Wikipédia. A representação do quebra-cabeça permanece, mas agora derretido, amolecido pela forma de um círculo que se desmancha. Os símbolos nas peças não são os mesmos, são símbolos aleatórios e posicionados de modo a não manter o efeito homogêneo de remetimento à *net*. E diferentemente do logotipo apresentado anteriormente, não se trata de uma esfera, mas segundo o site da própria Desciclopédia, seria a representação de uma batata chamada *Nussako* – deixando evidente a sátira presente em todos os detalhes dessa enciclopédia virtual, apresentando um tom derrisório. Dessa forma, ao observamos as duas enciclopédias selecionadas, podemos estabelecer uma relação entre o conteúdo livre e o livre de conteúdo nos seguintes termos: conteúdo livre cria o efeito de construção colaborativa na rede a partir das ferramentas da *web 2.0*, na qual o sujeito-navegador está incluso nesse processo. Já o livre de conteúdo inscreve o efeito de uma não preocupação em fazer parte de um discurso utilitarista que serve para informar, descrever os saberes e fomentar a circulação de coisas-a-saber (PÊCHEUX, 1997), propõe uma ruptura de desautorizar o que está na ordem do saber fazendo furo aí mesmo, pelo riso.

Os efeitos de sentidos sobre a Amazônia: discursos em rede

"É triste pensar que a natureza fala e que o gênero humano não a ouve" - **Victor Hugo**

A título de introdução do nosso tema, registramos que a região Amazônia, é uma vasta região (abrange mais de 6 milhões de quilômetros quadrados) que se encontra na América do Sul (se estende ao longo de seis países), se concentrando principalmente em território brasileiro, coberta pela maior floresta

intertropical do mundo, e também encontra-se os rios mais poderosos do planeta – o rio Amazonas é o segundo maior rio em comprimento, perder apenas para o rio Nilo, mas é o rio mais caudaloso do mundo, detendo um grande poder econômico (AMAZONIE, 2009). Nessa região, é possível encontrar imensa diversidade de espécies de vegetais e animais exclusivos dessa área, ou seja, a fauna e a flora amazônica são as mais ricas e mais variadas que em qualquer outro lugar do mundo. Apesar de a Amazônia ser coberta por uma floresta muito espessa, os solos são muito pobres, com poucos minerais, com camadas de solo fértil menores de um metro de profundidade, ao contrário das outras florestas tropicais, em que podemos encontrar solos férteis que chegam a dois metros de profundidade. A espécie mais cultivada nessa região é a seringueira, uma espécie nativa em que é extraída a seiva, que serve de matéria-prima para a produção do látex (borracha) (AMAZONIE, 2009).

Seguimos com as análises do verbete “Amazônia” presente nas duas enciclopédias selecionadas, o que constitui o nosso corpus e a tessitura dos nossos recortes. Na Wikipédia¹, esse verbete é apresentado da seguinte forma:

A Amazônia (português brasileiro) ou Amazônia (português europeu) é uma região natural da América do Sul, definida pela bacia do rio Amazonas e coberta em grande parte por floresta tropical - a Floresta Amazônica (também chamada de Floresta Equatorial da Amazônia ou Hileia Amazônica) - a qual possui 60% de sua cobertura em território brasileiro. A bacia hidrográfica da Amazônia possui muitos afluentes importantes tais como o rio **Negro, Tapajós e Madeira**, sendo que o rio principal é o Amazonas, que passa por outros países antes de entrar em território brasileiro. O rio Amazonas nasce na **cordilheira dos Andes e estende-se por nove países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela**. É considerado o maior rio do mundo, em extensão e volume de águas.

No Brasil, para efeitos de governo e economia, a Amazônia é delimitada por uma área chamada "Amazônia Legal" definida a partir da criação da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), em 1966.

É chamado também de Amazônia o bioma que, no Brasil, ocupa 49,29% do território, sendo o maior bioma terrestre do país.

¹ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Amaz%C3%B4nia>>.

Uma área de seis milhões de hectares no centro de sua bacia hidrográfica, incluindo o **Parque Nacional do Jaú, foi considerada pela UNESCO, em 2000 (com extensão em 2003), Patrimônio da Humanidade.** (grifo nosso)

E um trecho do mesmo verbete apresentado pela Desciclopédia²:

Amazônia é o 9º estado da região sobrenatural do Brasil. Nessa área ocorre uma guerra de separação diariamente entre o exército brasileiro e grileiros, colombianos e seringueiros que passam o dia inteiro tirando leite do pau. A capital de tal lugar é Esparta. Na amazônia há também barracos de boia fria pequenas residências. **Isoladas de tudo. Tudo, tudo tudo tudo falta na amazônia exceto mercenários.** Tem algum manifestante, estudante ou sem terra te incomodando? Que bom morar na amazônia! aqui isso não é problema! basta contratar um tio de espingarda para assassiná-lo resolver seu problema. **Há gente sobrando querendo matar seus perturbadores. R\$ 100,00 o abate serviço, a não ser que seja alguém famoso (Chico Mendes, Dorothy,Repórter do globo rural,ambientalista da televisão,Ronaldo, Biólogo obsessivo de alguma faculdade federal.. etc) assim os preços podem variar entre R\$2000 e R\$ 5000.** (grifo nosso)

A partir de nossos grifos, observamos que a Wikipédia apresenta dados estatísticos, informações geográficas, informações essas tidas como as mais tradicionalmente encontradas nas enciclopédias, o que aponta um funcionamento discursivo próximo ao que se espera da ciência, ou seja, um dizer afeito aos sentidos de comprovação, verificação e coincidência com a realidade. O caráter informacional tradicional presente nesse recorte demonstra a filiação do dizer da Wikipédia a uma FD de informar sobre alguma coisa por meio de dados de fontes confiáveis, descritivas que corroborem com seus dizeres. O mesmo observamos com a citação de dados históricos que inscrevem o efeito de verdade, de algo confirmado até por instâncias do juridismo tais como SUDAM, UNESCO. Atentamos para as marcas discursivas que remetem à Geografia, como região legitimada de saber sobre o espaço, os nomes de países e a referência ao relevo, hidrografia, flora fazem falar um modo de estar no âmbito do conhecimento de uma região e da argumentação em defesa da definição de um verbete.

² Disponível em: <<http://desciclopedia.org/wiki/Amaz%C3%B4nia>>.

Já a Desciclopédia, como seu caráter livre de conteúdo, apresenta uma outra discursividade marcada pelos efeitos humorístico e derrisório, privilegiando questões geopolíticas pela via da sátira. Marcamos aqui um total descomprometimento na forma de definir e sustentar dizeres sobre o verbete, mais ainda, o que se coloca está dito de maneira tida séria e objetiva em outro lugar. Assim, para ler e produzir gestos de interpretação do que está posto em discurso na Desciclopédia, é preciso remeter-se à discursividade que está nas enciclopédias, fazendo linkagens entre as palavras de agora com outras, já demonstradas e explicitadas em outros verbetes, mapas, definições, etc. O dizer apresenta-se desfigurado, retalhado sobre superfície já inscrita, desmontando o que se dá a ler e a escrever no puro deslocamento; apenas assim, podemos entender e, quiçá, rir.

O “sobrenatural” inscreve um outro modo de dizer que tal região fica ao norte do mapa brasileiro, acima dos outros estados, perto do céu; a “a guerra de separação” instala discursivamente os efeitos de conflitos armados com o tráfico de drogas na fronteira com outros países latinoamericanos; o “leite do pau” marca um outro modo de nomear a cultura do extrativismo e da coleta do látex pelos seringueiros; “barracos de boia fria pequenas residências” faz falar a condição dos trabalhadores rurais sem-terra e os conflitos fundiários na região, algo que também comparece na formulação “basta contratar um tio de espingarda para assassiná-lo resolver seu problema”. Marcamos, também, a sequência discursiva “Que bom morar na amazônia! aqui isso não é problema!” inscreve algo que sempre ficou fora do discurso das enciclopédias, os pareceres pessoais e as marcas de opinião. Aqui elas funcionam, no caso ao modo de uma ironia, de modo a produzir outro deslocamento na estabilidade do que é tido como possível de dizer em uma enciclopédia.

A título de finalização

“O sentido não é capaz de permanecer quieto, fervilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direções irradiantes que vão se dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem

de vista.” - Saramago

Com esse estudo, percebemos que as formas de dizer sobre um mesmo tema implicam a condição de que os dizeres sempre podem ser outros, conforme a AD de linha francesa coloca. E esses dizeres se encontram ainda mais heterogêneos no contexto da rede eletrônica por meio das ferramentas de publicação da *Web 2.0* e seu conteúdo colaborativo, como visualizamos nas Enciclopédias *online*, Wikipédia e Desciclopédia. A partir das análises do recorte dessa pesquisa, foi possível observar que o mesmo verbete, “Amazônia”, nas duas enciclopédias virtuais em questão, inscrevem discursivamente singularidades, diferindo consideravelmente de dizeres dispostos em enciclopédias tradicionais, sujeitos ao efeito de constantes (re)significações construídas na/pela escrita coletiva e compartilhada por diferentes sujeitos-navegadores.

THE (DES)CONSTRUCTION ABOUT THE AMAZON SAYINGS ON COLLABORATIVE ONLINE ENCYCLOPEDIAS

ABSTRACT: This article has to intent a reflection, from the perspective of the Discourse Analysis of the French line, the inscription of knowledge and the effects of meanings about of the signifier "Amazon", installed by the subjects in the collaborative online encyclopedias, Wikipedia and Uncyclopedia on the Web 2.0 environment. We'll investigate the conditions of discourse production through the collective writing on the web, and the ideological marks left by the subjects in online encyclopedias. We'll also discuss, the clash of meanings installed in Uncyclopedia, under deconstruction form of the "traditional way" of running an encyclopedia, with close to parody speech and non-sense. Thus, we seek to reflect on how is the process of creation, production and circulation of the discourses of / on the collective construction in an encyclopedia and circulation of discourses of / on the collective construction of an encyclopedia.

KEYWORDS: Subject. Sense. Encyclopedia. Collaborative content. Amazon.

Referências

AMAZONIE. In: **Larousse.fr**. Paris: Éditions Larousse, 2009. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/encyclopedie/autre-region/Amazonie/105111#>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

BURKE, P. **Uma história Social do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

DIAS, C. P. **Da corpografia** – ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. UFSM, Série Cogitare, volume 7, PPLG, 2008.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, M. C. L. A ciranda de sentidos. In: ROMÃO, L. M. S.; GASPAR, N. R. (Org.). **Discurso midiático**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

HENGE, G. **Sujeitos e saberes**: redes discursivas em uma enciclopédia online. (Dissertação de mestrado) - Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

JOHNSON, T. E-paródia como método de contestação interdiscursiva: uma análise do humor político na desciclopédia. In: **II Simpósio da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura**, 2008, São Paulo. Anais ABCiber, São Paulo, 2008. p. 1 - 17. Disponível em: <www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/pontogris/JOHNSON_telma.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2011.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência**- O futuro do pensamento na era da informática. 13ª ed. São Paulo: Editora 34, 2004

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989. Campinas: Unicamp e Revan, 1998.

MELO, C. T. V. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org). **Hipertexto e gêneros textuais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

O'REILLY, T. **What Is Web 2.0** - design patterns and business models for the next generation of software. O'Reilly Publishing, 2004. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 9 abr. 2009.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso** - uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós** (Brasília), v.9, 2007, p. 1-21.

ROMAO, L. M. S. **O cavalete, a tela e o branco**: introdução à autoria na rede eletrônica. *DELTA*, v. 22, n. 2. São Paulo. 2006.

ROMAO, L. M. S.; SOUZA, F. C.; YADO, T. H. M. Efeitos de sentido em propagandas políticas: Collor e Lula em discurso. **Achegas.net**, n. 43, p. 18-33, 2010.

SCOTTA, L. **Da Enciclopédia enquanto um círculo que se fecha à Wikipédia enquanto uma rede que abre**: um gesto interpretativo. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

Texto recebido em 02/10/2012.